



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

PRISCILA LADWIG AZEVEDO

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM FILOSOFIA
(MODELO EVENTO DE EXTENSÃO)**

**PERSPECTIVAS ECOFEMINISTAS: INTERCONEXÕES, ESTRUTURAS
CONCEITUAIS E CONSCIÊNCIA FEMINISTA AO MOVIMENTO ECOLÓGICO**

PORTO ALEGRE

2022

PRISCILA LADWIG AZEVEDO

**PERSPECTIVAS ECOFEMINISTAS: INTERCONEXÕES, ESTRUTURAS
CONCEITUAIS E CONSCIÊNCIA FEMINISTA AO MOVIMENTO ECOLÓGICO**

Relatório de projeto de extensão
apresentado para o Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da UFRGS para a
obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Raphael Zillig

PORTO ALEGRE

2022

RESUMO

Com a intenção de atingir mais amplamente o público tanto dentro como fora da academia, o presente trabalho de conclusão de curso em formato de extensão conta com a disposição de debates filmados, com nomes relevantes que são engajados e atuantes no assunto abordado, os ecofeminismos.

Apresentando além de debates, o trabalho conta com diversas recomendações literárias, filmes e músicas que levam a perspectivas feministas e ecológicas. Isto justamente para que o alcance do tema seja percebido, compreendido e absorvido por todo tipo de público que o assista. Neste relatório consta o registro de minhas pesquisas bibliográficas, com suas respectivas referências, assim como etapas da elaboração, formato e objetivos de todo projeto. Discorrem pensamentos sobre a preocupação dos ecofeminismos irem além da teoria, pois sem a prática se torna praticamente uma participação denominada ecofeminista.

Concluindo, o relatório se encerra com algumas auto apreciações de erros e acertos em todo caminho de execução, principalmente na parte prática do projeto onde ficam evidentes as falhas na falta de práticas oratórias da apresentação, mas também as relevâncias de poder contar com a presença ao vivo de diversos autores de importantíssimos escritos e ativistas ecofeministas.

PALAVRAS CHAVE: Ecofeminismos; Natureza; Mulher; Patriarcado; Dualismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. ETAPAS DO PROJETO.....	11
3. FORMATO DE APRESENTAÇÃO.....	12
4. CONSECUÇÃO DE OBJETIVOS.....	13
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	18
7. IMAGENS E LINKS DOS VÍDEOS PRODUZIDOS.....	19

INTRODUÇÃO

O ecofeminismo é uma vertente do movimento feminista que conecta a luta pela igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres com a defesa do meio ambiente e sua preservação. Enfatiza a interconexão entre vida, natureza e ambiente com a visão de mundo das mulheres e aborda a exploração da mulher e da natureza através do controle machista, onde existe um sistema de opressão caracterizado pela relação de subordinação às quais as mulheres e a natureza são submetidas pelos homens. Uma das causas da destruição ambiental, que carrega uma dominação machista sobre mulheres e natureza, é o androcentrismo. Nos séculos XVI e XVII, a revolução científica trouxe um novo conhecimento da natureza na forma de leis e da filosofia mecanicista, onde a natureza apresenta-se como matéria passiva, inerte e morta, por um lado, e uma matemática funcional, por outro. Aqui já se apresenta uma conotação sexista, onde a passividade sempre foi e é exigida por parte da mulher, e o que exerce, forma expressões e conhecimento, é o homem. Algumas ecofeministas levantam a problemática do dualismo como dominação injustificada da natureza. Presentes no racionalismo, estes dualismos de valor opostos humano/natureza, originaram outros dualismos que são prejudiciais, pois são marcados por características excludentes, valorizando mais uma característica do que outra ao invés de se complementarem, como por exemplo espírito/corpo, razão/emoção e masculino/feminino, que além de androcêntricos são antropocêntricos.

A relevância da linguagem para as ecofeministas tem base nos estudos do filósofo Wittgenstein, pois ela reflete o conceito de si e do mundo subjetivamente, onde pode vir a manter e reforçar ideias de preconceito e exclusão, como o racismo, sexismo e naturismo (dominação injustificada da natureza). Uma das estruturas conceituais opressoras é a chamada "Lógica de Dominação". Karen Warren no seu livro "*Ecofeminist Philosophy*" identifica cinco características em tais estruturas:

1) pensamento de valor hierárquico (up-down), no qual se valoriza, confere mais status ou prestígio mais os “de cima” (up) e menos os “de baixo” (down);

2) dualismos de valor opostos (oppositional value dualisms), marcados por características opostas e excludentes, ao invés de complementares e inclusivas, valorizando mais uma característica em detrimento de outra;

3) poder entendido e exercido como poder de dominação (“power-over” power), como poder dos “de cima” (up) sobre os “de baixo” (downs);

4) criação, manutenção ou perpetuação da concepção e prática de privilégio concedido aos “de cima” (ups) e negado aos “de baixo” (downs); e

5) uma estrutura de argumentação que visa justificar a subordinação (lógica da dominação).¹

Essa estrutura de conceitos não é propriamente opressora, mas quando são inseridos fatores como raça, opção sexual, gênero e espécie, passam a ser. Assim, acabam sendo usadas para a justificação e manutenção de subordinações injustificadas e dominação.

Warren elabora dois argumentos, o argumento “A” (argumento do naturismo), onde ela demonstra a dominação justificada do humano sobre o não humano:

(1) Humanos têm, e plantas e minerais não têm, a capacidade de, consciente e radicalmente, mudar de determinadas maneiras as comunidades nas quais vivem.

(2) O que quer que tenha a capacidade de, consciente e radicalmente, mudar de determinadas maneiras a comunidade em que vive é moralmente superior ao que não tem essa capacidade.

(3) Humanos são moralmente superiores a plantas e

¹ WARREN, Karen. *Ecofeminist Philosophy*, p. 47.

minerais.

(4) Para qualquer X e Y, se X é moralmente superior a Y, então X está moralmente justificado em subordinar (dominar) Y.

(5) Humanos estão moralmente justificados em subordinar (dominar) plantas e minerais.²

E o argumento "B" (argumento do sexismo), onde Warren demonstra como estruturas conceituais machistas admitem o sexismo e o naturismo:

(1) Pelo menos nas sociedades ocidentais, sempre que um grupo é historicamente identificado com a natureza e a esfera física, é conceituado como moralmente inferior a qualquer grupo historicamente identificado com a cultura e a esfera mental.³

(2) Pelo menos nas sociedades ocidentais, mulheres têm sido historicamente identificadas com a natureza e a esfera física, enquanto os homens, pelo menos os dominantes, têm sido identificados com a cultura e a esfera mental.

(3) Pelo menos nas sociedades ocidentais, mulheres são conceituadas como moralmente inferiores aos homens dominantes.

(4) Para qualquer X e Y, se X é conceituado como moralmente inferior a Y, então Y é justificado em subordinar (ou dominar) X.

(5) Pelo menos nas sociedades ocidentais, homens dominantes estão justificados em subordinar (ou dominar) as mulheres e a natureza.³

Ambos argumentos são exemplos de como a natureza e a mulher podem ser justificadamente dominadas. Contudo, Warren afirma que o argumento "B", mesmo demonstrando historicamente o contexto verdadeiro de como mulheres, homens e natureza têm sido tratados em um cenário ocidental, deve ser rejeitado. As premissas 1 e 2 não afirmam

² WARREN, Karen. *Ecofeminist Philosophy*, p. 49.

³ WARREN, Karen. *Ecofeminist Philosophy*, p. 50-51.

que mulheres são mais próximas à natureza que os homens ou todas as mulheres são relacionadas com natureza inferior e os homens com uma cultura superior. A questão é como elas são vistas e ligadas à natureza, sendo assim desvalorizadas, pois o homem é associado à cultura, a cultura é quem domina a natureza e o homem é o que domina a mulher. Warren ainda afirma que o determinismo biológico posiciona as mulheres biologicamente mais próximas à natureza do que os homens, em virtude de suas capacidades reprodutivas (a natureza da mulher).⁴

Diversos dados empíricos demonstram a ligação entre mulheres e destruição ambiental como exposição à radiação, a pesticidas, a toxinas e as consequências das políticas de desenvolvimento do Primeiro Mundo (First World). Segundo a ONU, as mulheres representam 80% do total de pessoas que são obrigadas a deixar seus lares e refugiar-se em outros lugares como consequência das mudanças climáticas. Isso acontece porque as mulheres têm maior probabilidade de viver em condições de pobreza e menor poder socioeconômico, o que por fim faz com que tenham mais dificuldades em se recuperar de situações extremas como desastres naturais.

"Dados mostram que mulheres, especialmente mulheres pobres da zona rural de países com menor desenvolvimento que são chefes de família, sofrem prejuízos desproporcionais causados por problemas ambientais como desmatamento, poluição da água e toxinas ambientais", explica o artigo Feminist Environmental Philosophy, parte da Enciclopédia de Filosofia de Stanford, que se dedica a apresentar a relação entre o ambientalismo e o feminismo.

Embora sejam as mais afetadas, as mulheres são as que menos responsabilidade têm na devastação do meio ambiente. Um relatório divulgado pelo Fundo para População das Nações Unidas mostra que as mulheres mais pobres em países menos desenvolvidos são as principais afetadas pelo clima e ao mesmo tempo são as que menos contribuem para o aquecimento global. Justamente por ganharem menos, as

⁴ WARREN, Karen. Ecofeminist Philosophy, p. 53.

mulheres em geral têm um papel menor na contaminação e destruição dos ecossistemas. Diversos relatórios de ONGs apontam que as mulheres são as primeiras vítimas da devastação do meio ambiente, mas também exercem um papel chave para a defesa da natureza.

Em 1974, vinte e sete mulheres de Reni, no norte da Índia, abraçaram as árvores, impedindo que os lenhadores tentassem derrubá-las. O protesto das mulheres, conhecido como "Movimento Chipko" ("chipko" em hindi significa "abraçar" ou "abraçar"), salvou 12.000 quilômetros quadrados de uma bacia hidrográfica sensível. Este movimento reforça a ideia da conexão entre mulheres e natureza, pois desde antigamente se tem registro que as mulheres eram especialistas em conhecer e utilizar os recursos que a natureza em volta oferecia, como ervas medicinais, tinturas naturais, combustível para fogo, etc. O assunto do conhecimento de recursos naturais pelas mulheres, traz a lembrança da desprezível e horripilante prática de caça às bruxas, que aconteceu entre os séculos XV e XVIII. A Igreja com suas ideias patriarcais de que apenas um Deus, criador do homem a sua imagem e semelhança, era o único que poderia ter o poder de salvar a vida de seus fiéis enfermos. A possibilidade de uma mulher curar com sua "magia" (o que na verdade é ciência), era completamente herege para a comunidade religiosa, que também acusavam-as de ter pacto com o demônio. Assim, estima-se que mais de 50.000 mulheres foram queimadas vivas em fogueiras ou torturadas de formas bestiais.

Fazendo uma analogia com os animais não humanos e as mulheres, encontramos a similaridade dos casos de dominação por força bruta, escravidão e dominação. Segundo a escritora Carol Adams, é comum a ameaça e/ou agressão com animais de estimação a fim de manter o controle de vítimas de violência sexual, assim como o próprio uso de animais para este ato contra mulheres e crianças.⁵ Isso é categorizado como somatofobia, onde é usado de violência para atacar o corpo de um indivíduo vulnerável em razão do agressor se considerar superior a vítima.

⁵ ADAMS, Carol J. *Neither Man nor Beast*, p. 146.

A filósofa Sônia Felipe no seu artigo "*Somatofobia II: violência contra animais humanos e não-humanos. As vozes dissidentes contemporâneas.*", acredita que na somatofobia se reforçam as diferenças baseadas nos dualismos de valor, como corpo/alma, razão/emoção, etc, de modo que esta dicotomia acaba não aceitando mais uma igualdade:

"Negando-se a concepção holista da natureza viva, adotando-se a respeito da natureza humana, por causa da capacidade racional, a dicotomia dos conceitos metafísicos construídos a partir do dualismo cartesiano, que a cortou em duas partes (corpo e alma), as relações entre humanos, regidas por essas dicotomias, passam a constituir-se na forma hierárquica sujeito-objeto, porta de entrada de todas as manifestações da violência, da física à simbólica."⁶

A filosofia ecofeminista tem por coerência lutar para salvar todas as formas de opressão e dominação. Existe um trabalho em prol da superação do machismo que deve atuar em favor tanto do ambiente como das mulheres, pois em nível conceitual, as duas lutas são uma só. É necessário que se desconstrua o dualismo de valor, que perpetua a desvalorização das mulheres e da natureza e promovem as divisões, mantendo assim um eterno ciclo de abusos e discriminação com ambas. O fato de as mulheres serem mais afetadas com as crises ambientais é refletido em suas condições econômicas, sempre expostas a maiores condições de pobreza do que os homens. A natureza é devastada e os animais são explorados pela mesma lógica discriminatória e exploradora que vê certos grupos de humanos, e os não-humanos, como meros objetos. O machismo é um sistema insalubre que pode ser rompido por meio de uma intervenção política, econômica, social, entre outras, viabilizadas justamente pela perspectiva ecofeminista, que se relaciona

⁶ FELIPE, Sônia T. Somatofobia II: violência contra animais humanos e não-humanos. A modernidade e as vozes dissidentes contemporâneas. *Pensata Animal*. V. 1, n. 3, jul. 2007.

também com o empoderamento e a não violência.

Como mulher inserida neste contexto de machismo e dominação, me senti inclinada a compartilhar do assunto não apenas com o meio acadêmico, mas sim com o público em geral. Tenho plena convicção que já estouramos o tempo de um olhar mais atento da sociedade como um todo, para as questões de violência de gênero, agênero, ambiental, animal, racial, social, etc. Pretendo assim com o presente trabalho, apresentar as vertentes dos ecofeminismos que atualmente são pouco exploradas na literatura brasileira e no meio acadêmico, a relevância em conhecer e entender a interconexão feminino e natureza. Também elucidar o público em geral para que reflitam sobre a problemática da relação de dominação que mulher e natureza sofrem pelo patriarcado, embasado no antropocentrismo e no dualismo de valor humano/natureza, presente no racionalismo que deu origem a outros dualismos prejudiciais. O sucesso da avaliação será indicado pelo número de engajamento, com questões e opiniões sobre os assuntos abordados, não perdendo o viés filosófico.

ETAPAS DO PROJETO

ETAPA 1: desenvolver enredo do projeto através de pesquisa bibliográfica sobre ecofeminismo.

ETAPA 2: entrar em contato com autoras de alguns dos livros da bibliografia de referência e com pessoas engajadas no assunto sobre ecofeminismo e meio ecológico, a fim de solicitar participação para entrevista e gravação de material audiovisual que ficará disponível para o público em geral.

ETAPA 3: montar uma página de acesso aberto na plataforma Instagram, onde conteúdos sobre ecofeminismo e meio ecológico serão disponibilizados através de imagens, vídeos e enquetes, onde o público interessado possa participar ativamente através de comentários e compartilhamentos.

ETAPA 4: criar um canal na plataforma YouTube, onde os vídeos das entrevistas do projeto ficarão armazenados para acesso do público em geral.

ETAPA 5: desenvolver material de publicidade do projeto, com fotos dos participantes e descrição do assunto tratado em cada dia de gravação.

ETAPA 6: preparar material e local para as gravações do projeto (mesmo que as participações sejam à distância devido a situação de pandemia da Covid-19).

ETAPA 7: decidir e montar plano de entrevista, com perguntas e comentários sobre o assunto do projeto.

ETAPA 8: começar as gravações com um participante por dia, no tempo de uma semana ao total, com duração de no máximo 1 hora para cada.

ETAPA 9: editar os vídeos das entrevistas, excluindo possíveis erros de gravação ou mesmo problemas com conexão via Internet.

ETAPA 10: disponibilizar relatório completo do projeto para a banca avaliadora, com cinco dias corridos antes da sessão de arguição.

ETAPA 11 : divulgação com no mínimo uma semana de antecedência do lançamento do evento, através do material de publicidade por postagens nas redes sociais e nos canais do IFCH.

ETAPA 12: lançar os vídeos das entrevistas no canal do YouTube, com acesso aberto para comentários do público.

ETAPA 13: divulgar o lançamento dos vídeos na página criada do Instagram, para que chegue ao maior número de pessoas possível e possam ser compartilhados.

FORMATO DE APRESENTAÇÃO

No total serão cinco vídeos, um por dia durante uma semana corrida, cada um de no máximo 1 hora de apresentação, com entrevistas e diálogos. Cada apresentação contará com perguntas e debate sobre a interconexão entre a mulher e o meio ecológico, os conceitos filosóficos que o ecofeminismo apresenta e como o feminismo atua dentro da causa

animal e ambiental. Algumas das perguntas serão baseadas nos textos das autoras ecofeministas e outras serão sobre uma vivência ativa em ser mulher preocupada com o meio ecológico.

PRIMEIRO DIA: abertura com apresentação do tema do projeto, como foi decidido pelo assunto do ecofeminismo e o decorrer da programação. A convidada do primeiro dia é Vanessa Lemgruber, mestra em direito, advogada, mediadora jurídica e autora do livro "*Guia Ecofeminista: mulheres, direito e ecologia*".

SEGUNDO DIA: conversa com o professor Fábio Oliveira, doutor em filosofia pela UFRJ e professor de filosofia da educação do campo na UFF. Um dos organizadores do livro "*Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*".

TERCEIRO DIA: conversa com a professora Maria Alice da Silva, doutora em ética e filosofia política pela UFSC. Autora do livro "*Direitos animais: fundamentos éticos, políticos e jurídicos*".

QUARTO DIA: conversa com Pâmela Stocker, doutora em comunicação e informação pela UFRGS. Ecofeminista e uma das idealizadoras da ONG "*Coletivo Ecofeminista Pandora*".

QUINTO DIA: apresentação final de Priscila Ladwig Azevedo, graduanda em filosofia pela UFRGS. Apresentadora e coordenadora do "*Projeto Physis*" orientado pelo professor Raphael Zillig.

CONSECUÇÃO DE OBJETIVOS

O objetivo inicial do projeto de TCC era sobre Filosofia Ambiental. No percurso de pesquisas, me deparei com o conceito de Ecofeminismos,

os quais jamais tive conhecimento. Na procura de explicações, percebi a relevância do assunto e a intrigante conexão de duas vertentes (ecologia e feminismo) que lutam e acabam se unindo contra um mal em comum (a dominação). Me chamou atenção o pouco conteúdo na literatura e tradução brasileira, mesmo o país sendo um dos mais importantes em recursos ecológicos ameaçados e com alto índice de violência contra a mulher. Como uma auto intitulada ambientalista e, mulher que já sofreu violência de gênero, não pude conter o desejo de me aprofundar nos estudos dos Ecofeminismos e encontrar questões filosóficas sobre os fenômenos que interconectam mulheres e natureza. Adentrando as pesquisas por diversas fontes, me identifiquei com as problemáticas do tema e com a extrema relevância em aumentar as vias de informação, para que mais pessoas conheçam e reflitam sobre como estamos lidando com a devastação ambiental e a devastação física e psicológica das mulheres. As atrocidades que são cometidas contra natureza e mulheres partem de lógicas de dominação, enraizadas por conceitos históricos, tradições racionalistas e dualismos de valor.

Imaginei que com um formato diferente da habitual monografia, conseguiria atingir um número maior e mais plural de pessoas, o que efetivamente está acontecendo. Acredito que por ser em formato visual e de interação, o público se sinta mais receptivo em interagir. E isto é de extrema importância, pois tenho como princípio que a filosofia não deve permanecer fechada em quatro paredes de um campus universitário e sim, que chegue em todas as comunidades, do mais intelectual ao completo analfabeto. Do que me serviria estudar cinco anos em uma das melhores universidades do Brasil e do mundo e não poder dividir o conhecimento adquirido para o meio no qual nasci, cresci e ainda vivo. Por mais que todo o medo e represália em não tratar de filósofos ou temas clássicos me tomasse, segui minhas emoções e as racionalizei através deste trabalho. E aqui trago isto como exemplo de como emoção e razão podem e devem ser equilibradas.

Usando as plataformas digitais Youtube para a publicação dos vídeos e o Instagram para divulgação dos mesmos, tenho conseguido o retorno esperado, com mais de 60 visualizações no vídeo de lançamento. Acredito ser um resultado mais satisfatório do que se tivesse optado pela monografia. Por que? Não tenho certeza absoluta, mas julgo que a maioria das pessoas tenha fadiga de leitura, falta de tempo e/ou paciência. Um projeto em formato audiovisual pode ser a opção que falta para atingir a maximização de assuntos de relevância filosófica, pois coaches disfarçados de filósofos creio já termos o suficiente espalhados por aí.

Quanto a execução do trabalho, achei tão complexo quanto uma monografia. Tive o cuidado desde a pesquisa bibliográfica até a escolha dos participantes. Confesso que durante o percurso optei por convidados diferentes dos inicialmente pensados. Houveram desistências, contratemplos e outros porque me identifiquei mais pela literatura e pessoa. Todos os convidados conheci pelas pesquisas literárias e os contatei pelo Instagram, sendo muito receptivos e abertos em dividir seus conhecimentos. Esta modalidade de trabalho me ofereceu não apenas saberes, mas me aproximou de pessoas que realmente amam e se importam em fazer a diferença com o ecofeminismo. Ao invés de estar usando a literatura eu pude conversar ao vivo com estas autoras, autores e ativistas, lhes fazendo perguntas, tecendo comentários e olhando em seus olhos (mesmo que através de uma tela).

As edições são extremamente trabalhosas. Optei por eu mesma criar a arte de divulgação e uma abertura, fazendo e montando todo o cenário com o recurso de "*stop motion*". Usei equipamento de câmera tripé e contei com a relevantíssima ajuda do meu companheiro Tiago, desde a estruturação até as edições de imagem e som. Sozinha não teria um emocional para dar conta de tudo. Admito que não é fácil ser mãe, companheira, dona de casa, bolsista e estudante. A mente e o corpo se abalam entre livros, tcc, louças na pia e crianças precisando de atenção.

Senti a emoção e nervosismo ao mesmo tempo, temendo não poder cumprir com minhas próprias expectativas e acabar desperdiçando a oportunidade de troca com os convidados. Para a surpresa de uma pessimista como sou, gostei do resultado e fiquei imensamente feliz de não ter desistido, seguindo meu coração e tocando em frente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo uma apreciação do evento, senti que fiquei devendo uma participação mais ativa nos debates, me detendo ao roteiro pré estabelecido destacado em minhas leituras. Atribuo isto a meu extremo nervosismo e falta de autoconfiança. Mesmo havendo uma evolução a cada novo vídeo, não senti total satisfação em minhas falas, o que não diminui minha alegria em ter optado por este formato.

Uma das escolhas que fiz e gostei foram as indicações de filme e música em cada um dos vídeos, trazendo um momento de descontração e uma possibilidade a mais de interação com o tema, já que todas as indicações fazem alusão ao mesmo. Infelizmente na indicação da música "What I've Done" da banda Linkin Park tive problemas com os direitos autorais das imagens do clipe e precisei usar um desfoque, para pelo menos manter a música, pois o vídeo já estava gravado com a indicação. Quanto às demais indicações não tive contratemplos, só a plataforma YouTube me notificou que não poderia monetizar os vídeos, o que não é meu objetivo com eles.

Com os comentários que recebi do trabalho, o público relatou compreender a relevância filosófica do tema e das demais pautas abordadas, como por exemplo a ética do cuidado, justiça animalista, violência de gênero e espécie, ambientalismo, colonialismo, patriarcado e capitalismo. Também houve interesse nas práticas como participação efetiva em ong's, clubes de leitura e estudos, feiras ecológicas e ações sustentáveis. Mesmo não me sentindo plena em maior participação nos debates, fico extremamente feliz que o tema e a abordagem tenham

gerado conhecimento, curiosidade e vontade de mudança na sistematização opressora e dominadora. "A emoção é, de um lado, resultado de uma ação realizada por algo outro, (...). Porém, a emoção não se limita a este momento passivo, pois ele é somente o início de uma ação cuja fonte é a emoção." (ZINGANO, 2007, p. 148)

Crendo nas emoções como modelos autênticos de conhecimento, consegui um bom debate filosófico.

Referências Bibliográficas

ADAMS, Carol J. *Neither Man nor Beast: Feminism and the Defense of Animals*. New York: Continuum, 1995.

<https://olharanimal.org/somatofobia-violencia-contra-humanos-e-na-o-humanos-a-modernidade-e-as-vozes-dissidentes-contemporaneas-parte-ii/>

<https://plato.stanford.edu/entries/feminism-environmental/>

<https://www.bbc.com/news/science-environment-43294221>

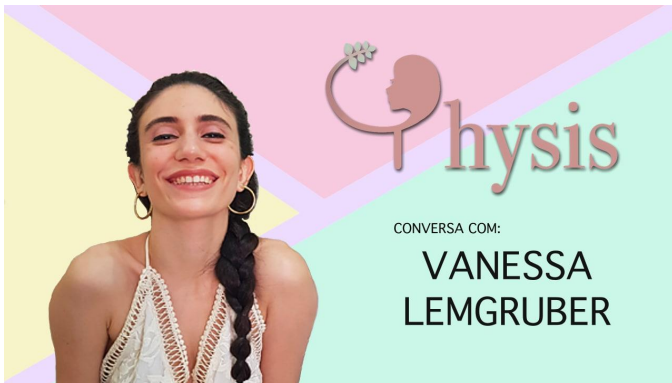
<https://www.unfpa.org/es/node/7473#>

ROSENDO, Daniela. *Sensível ao cuidado: uma perspectiva ética ecofeminista*. Curitiba: Editora Prisma, 2015

WARREN, Karen. *Ecofeminist Philosophy: A Western Perspective on What It Is and Why It Matters*. Rowman & Littlefield Publishers, 2000.

ZINGANO, Marco. *Estudos de Ética Antiga*. São Paulo: Discurso Editorial, 2007.

Imagens e links dos vídeos produzidos



www.youtube.com/watch?v=rzk7GSoMPa4



www.youtube.com/watch?v=FaNcMGHdtiw



www.youtube.com/watch?v=iDgo8cmBaeg



www.youtube.com/watch?v=WWHftG9OSg



www.youtube.com/watch?v=Z7N8riMJGzY

PROJETO DE EXTENSÃO 28/04 à 02/05

**PERSPECTIVAS ECOFEMINISTAS:
INTERCONEXÕES, ESTRUTURAS CONCEITUAIS E
CONSCIÊNCIA FEMINISTA AO MOVIMENTO ECOLÓGICO**



Vanessa Lemgruber
Mestra e pós-graduada em Direito. Graduada em Direito pela UFMG. Jurista, ecofeminista e autora do livro "Guia Ecofeminista - Mulheres, Direito, Ecologia"



Fábio Oliveira
Doutor em Filosofia pela UFRJ e prof. de Filosofia da Educação do Campo na UFF, um dos organizadores do livro "Ecofeminismos: Fundamentos Teóricos e Práxis Interseccionais"



Maria Alice da Silva
Doutora em Ética e Filosofia Política pela UFSC. Autora do livro "Direitos Animais: Fundamentos éticos, políticos e jurídicos"



Pâmela Stocker
Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS, ecofeminista e uma das idealizadoras do Coletivo Ecofeminista Pandora



Priscila Ladwig Azevedo
Graduada em Filosofia pela UFRGS, apresentadora e coordenadora do projeto Physis orientado pelo Professor Raphael Zillig

Conteúdo e Informações:

  Projeto Physis  @_projetothesis 

Imagem de divulgação